

CAMINHANDO COM ENCANTADOS: O APRENDER FAZENDO E AS IDEIAS LIBERTADORAS DE PAULO FREIRE NA FORMAÇÃO DE ARQUEÓLOGOS NO RIO GRANDE DO SUL

Cláudio Baptista Carle
*Doutorado em História Internacional pela
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Professor associado da Universidade Federal de Pelotas.
Pelotas - RS. Brasil
E-mail: cbcarle@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-0761-6409>*

RESUMO

O texto que segue expressa a forma de aprendizado da arqueologia que apresenta a formação arqueológica de professores formadores que sem a intenção promoviam a formação freiriana interacionista, libertadora e emancipatória na arqueologia. Os professores Bartomeu Meliá, Guilherme Naue, Fernando La Sálvia, Daniel Gargnin e André Jacobus, foram instigantes formadores pela forma de fazer, mais que por um ato institucionalizado de ensinar. Premissa importante de formação de arqueólogos no Brasil que antecedeu em paralelo a formação institucional que se desenvolvia em apenas uma instituição de ensino do país. Essa formação de aprender fazendo é peculiarmente uma forma discutida e enfrentada por Paulo Freire nos estudos da Andragogia (que em seu tempo ainda falava em Pedagogia).

PALAVRAS-CHAVE: Formação; Arqueologia; Ideias; Freireanas; Encantados.

Artigo recebido em: 28/07/2021
Artigo aceito em: 04/10/2021



ABSTRACT

Heritage Education, when associated with environmental licensing, refers to a set of educational actions aimed at creating dialogues between the community holding the cultural heritage and the team carrying out field and laboratory work in Archeology. It has become a fundamental tool for strengthening self-esteem, identity and preserving memories. In the theoretical field, Paulo Freire (1921-1997) greatly contributed to thinking methodologically about Heritage Education. Thus, in this article, we seek to discuss the results of the Heritage Education Program of the 138kV Barbosa Ferraz – São Pedro do Ivaí Rescue, Archaeological Monitoring and Heritage Education Project, carried out in the municipalities of São Pedro do Ivaí, São João do Ivaí and Barbosa Ferraz - PR. This Program was theoretically and methodologically based on the contributions of Paulo Freire, having as its guiding principle the establishment of a democratic, liberating and dialogic education.

KEYWORDS: Formation; Archeology; Freirean; Ideas; Delighted.

RESUMEN

El siguiente texto expresa la forma de aprendizaje de la arqueología que presenta la formación arqueológica de formadores de profesores que sin intención promovieron la formación interaccionista, liberadora y emancipadora freiriana en arqueología. Los profesores Bartomeu Meliá, Guilherme Naue, Fernando La Sálvia, Daniel Gargnin y André Jacobus instigaban a los formadores por la forma de hacerlo, más que por un acto institucionalizado de enseñanza. Una premisa importante de la formación de arqueólogos en Brasil que precedió en paralelo a la formación institucional que se desarrolló en una sola institución educativa en el país. Esta formación de aprender haciendo es peculiarmente una forma discutida a la que se enfrentó Paulo Freire en los estudios de Andragogia (que en su tiempo todavía hablaba en Pedagogía).

PALABRAS CLAVE: Formación; Arqueología; Ideas; Freireanas; Encantados.



CAMINHANDO COM ENCANTADOS: O APRENDER FAZENDO E AS IDEIAS LIBERTADORAS DE PAULO FREIRE NA FORMAÇÃO DE ARQUEÓLOGOS NO RIO GRANDE DO SUL.

A ideia de escrever sobre essa formação surge a partir da morte física do antropólogo Bartomeu Meliá (seu encantamento, na madrugada de 6 de dezembro de 2019) quando começamos (usamos no plural pelo efeito não individual dessa narrativa) a esboçar esse texto, a sua continuidade se efetiva após verificar que um negacionista escreve na difusão do Dossiê sobre Paulo Freire, que esse gostaria de expor suas ideias no “reconhecer alguns méritos na obra de Paulo Freire”. mas que de forma negacionista o tal indica que: “discordo da grande maioria de suas ideias”. O mesmo pergunta: se seria publicado “um estudo”, onde “com todo o respeito - exponho as minhas discordâncias ou os artigos tem que ser apenas elogiosos?”

O negacionismo deve ser cortado pela raiz. Nos questionamos: “Como é possível alguém expor isso?”. Um estudo desenvolvido durante anos por Paulo Freire, não pode ser escrutinado por um ninguém, pois é bem isso, o tal nem currículo para tanto e se coloca como estudioso. Aonde vamos com esse tipo de gente se colocando como possíveis críticos de um dos maiores teóricos mundiais sobre educação. Neste momento percebemos o quão grave tem sido a produção de uma pseudociência negacionista, que vem se “representando” no país e negando o saber dos ancestrais na produção da ciência. Esse conservadorismo colonialista e que combate a produção profunda, de um saber focado no pensamento humano de gerações de pesquisadores, como força da originalidade regional (uma produção científica brasileira eminente), envolta pelas lutas sociais latino-americanas e brasileiras. Indicamos que esses negacionistas devem ser combatidos e essa proposta de textualidade se transformou em um espaço para tanto.

A luta contra o negacionismo não é uma peculiaridade de nossa academia, mas uma procura constante que esta revista, em especial, tem desenvolvido, considerando a origem na luta democrática e contra a opressão. A instituição Universidade Estadual de Campinas é, na história da produção das Ciências Humanas no Brasil, uma das mais combativas instituições contra a opressão colonialista, autoritária e conservadora. Este caso é emblemático, pois o cidadão alega ser “isso e aquilo” como pesquisador, nas referências de seu correio eletrônico, mas não possui currículo reconhecido e nem publicações científicas. Permitir que estes negacionistas se coloquem, sem base científica alguma, é permitir que a anti-ciência e o obscurantismo se projetem. Lembremos que a Unicamp foi aglutinadora de diversos cientistas durante o processo de opressão na



expansão de diversas ditaduras na América Latina. A Unicamp acolhe estes pesquisadores em oposição à opressão patrocinada, em parte pela pressão estadunidense, na sua construção liberal, sobre a região latina da América. Ao percebermos que esse processo se apresenta novamente e de forma tão explícita suscitou o maior interesse em continuar a produção desse texto, onde apresentamos a formação, por onde passamos e que percebemos, mesmo que não fosse o foco dos professores, que hoje são os encantados, atuaram para nossa formação na arqueologia. Nesse sentido lembramos nossa formação na arqueologia que usamos para discutir a educação libertadora de Freire (Toledo, 2015; Moreira, 2014).

O texto já foi lido e nessa leitura algumas coisas foram pontuadas como o valor do texto por sua relevância, mas este leitor se equivoca ao cobrar do texto uma lógica da ciência eurocentrada, negamos ela, negamos de forma veemente essa lógica que este leitor propões com uma ideia sobre um tal “objeto” um tal calinho linear entre “metodologia e os resultados”. Freire (1987) já nos alerta que a intencionalidade transcendental da consciência permite-nos construir um sistema de pensar que recua em seus horizontes e ultrapassa essa forma linear de pensar, pois a liberdade se projeta pela força transcendental da capacidade reflexiva e crítica, ali se sustenta a objetivação, cuja reflexão conduz a subjetividade que para Freire (1987) não se separa da objetividade, pois se implicam dialeticamente, numa reflexão crítica dialética, e apresentamos a existência na interação com os entes como constitutiva do mundo humano e arqueológico em que os colocamos.

Os leitores querem que não repita o termo encantados, mas indicamos que é essa repetição, inserida no contexto transcendental que imprime valor ao termo e a sua repetição insistente. Assim se faz na roda da vida e na vida que roda (Hentges, 2020) para explicitação da interação com os encantados. Algum infere que os conceitos que usamos são pouco usadas no campo da arqueologia, mas é evidente, pois é uma projeção atualizada em que as arqueologias novas se inserem numa ruptura com o fazer descolado da realidade dos grupos, a nossa formação como arqueólogos foi real, nós fizemos na vida e não na abstração de pensamentos completamente descolados de nossas realidades. Verificamos assimetrias no texto, mas a vida é assimétrica, é da vida destes entes em formação e com seus formadores, que este texto reflete. Ao ponto de um dos leitores indica que a nossa produção apresenta uma importante reflexão sobre a história da arqueologia brasileira, na região sul do país, dando o devido destaque aos pesquisadores e suas “práxis” como nos indica Freire (1987). Pois é reconhecido por esses leitores que



articulamos os recursos epistêmicos da pedagogia freiriana nas interações com os pesquisadores-formadores (encantados), consideradas bem sustentadas nos conceitos freirianos na andragogia. E as referências são pertinentes ao texto. A ideia central de argumento no aprender arqueologia na prática, recupera a interlocução desses entes do passado e presente arqueológico no Brasil.

O texto que apresentamos é fruto das vivências e de estudos realizados dos trabalhos e pensamentos do querido cientista da educação Paulo Freire. A educação é uma consciência de mundo, segundo Freire (1987), e esta rerepresenta o mundo de forma direta - a percepção e a sensação das coisas presentes, e indireta - as lembranças, paisagens imaginadas, apresentado por imagens, e na realidade a consciência dispõe de diferentes “graus da imagem” (Durand, 1988, pp 11-12). As imagens nos possibilitam entender nós mesmos e nossa educação formadora do que nos tornamos, arqueólogos cuja formação não foi diretamente por cursos de graduação específico, mas por atuação, ou seja, uma educação no aprender fazendo.

Paulo Freire diz que ao “ensinar e aprender” o processo se desenvolve de tal forma que “quem ensina aprende”, pois, traz a este aprendente “um conhecimento antes aprendido” e nesse processo de aproximação aquele que aprende, o estudante, com “curiosidade”, esse “aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinam-te se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos” (Freire, 2001, p. 259). Podemos dizer que esse processo se processou na nossa formação, de forma evidente, pois a nossa vontade curiosa nos levava há aprender sempre, pois queríamos, éramos de diversos cursos de graduação, e queríamos nos transformar em arqueólogos, um caminho possível que se abria era aprender fazendo.

A ideia de encantado desenvolvida na umbanda e candomblé brasileiro (Carneiro, 2020; Ahlert e Lima, 2019) prevê o mesmo como símbolo dos ancestrais, que aparecem por dentro das manifestações e suas metodologias, com a possibilidade de transmissão de feitiços e magias, no saber fazer a magia girar e a performance dos rituais (Hentges, 2020) cuja ética está na relação de melhorar a vida e afastar os pensamentos ruins. Os encantados neste caso são aqueles professores pesquisadores que estiveram conosco e passaram a uma condição espiritual, sendo os ancestrais que convivem conosco, na ideia de ancestral estão aqueles que nos antecederam, num universo de linhagem até as primeiras divindades que se apresentaram na terra (mundo) e se transformaram em humanos ou os criaram (Hentges, 2020, p.37), os símbolos orbitam, os encantados se tornam símbolos e orbitamos em redor deles.



A imagem simbólica é uma “transfiguração de uma representação concreta” e tem seu “sentido para sempre abstrato”, neste sentido o encantado é um símbolo e como tal “uma representação que faz aparecer um sentido secreto”, pois “ele é a epifania de um mistério” (Durand, 1988, p. 15). Os encantados símbolos norteiam as ações e perpetuações de conhecimentos que possibilitam formar o sentido do “ser arqueólogo”. Há um sentido comum (Maffesoli, 1994), amplo e disforme do que é um arqueólogo no Brasil. Essa imagem é fruto de uma formação que é variada, mas que construiu as formações livres dos arqueólogos no país. Os encantados tornam-se nesse universo símbolos. As pessoas convivem com encantados, que são um conjunto heterogêneo de seres, que se fazem presentes nas sensações físicas ou nas formas pensadas e metalizadas dos entes neste mundo. Esses seres organizam a vida e possuem parentesco consanguíneo e, neste caso aqui tratado, “por consideração”, e pela “mediunidade” que facilita sua manifestação (Carneiro, 2020; Ahlert e Lima, 2019), sua presença é evidenciada nas suas simbólicas (Durand, 2004), essa sacralização do profano (Eliade, 1992, p. 13) se manifesta que inicialmente é compreendido como separado onde “algo de sagrado se nos revela”, e não estamos no campo do que se convencionou chamar de “religiões”. As manifestações das realidades sacralizadas, em formas de fazer arqueologia nas próprias manifestações materiais deste fazer numa “urna”, numa “pedra”, que assim como o sagrado da “hierofania”, nos defrontamos “diante do mesmo ato misterioso”, na manifestação de algo “de ordem diferente” do que vivenciamos na realidade cotidiana, “natural”, “profano” (idem). Ao estarmos e convivemos, nos entregamos ao processo, ao ato de transformação na “gigantesca transformação do mundo” (Eliade, 1992, p. 30). O fazer arqueológico que experienciamos se dá para atingir, de alguma forma contraditória, a “dessacralização do Cosmos, a partir do pensamento científico” (Eliade, 1992, p. 30). Mas como nos indica o autor essa premissa de “secularização da Natureza” não é definitiva, pois reencontramos “a dimensão sagrada da existência no Mundo”, pois na interação com os encantados símbolos fazem com que “algumas imagens tradicionais” sobrevivam e nisso a sacralização do profano na “concepção do mundo que ele implica” (Eliade, 1992, p. 31).

O professor Ernani Maria Fiori (Freire, 1987, p. 06) ao entender a proposta de Freire como um método de ensino-aprendizagem percebe que os “caminhos da liberação”, que eu envolvo com no caminhar com os encantados, é propiciar aos que são constantemente oprimidos a busca pela libertação. Esses caminhantes não estão para serem resgatados, pois se autoconfiguram responsabilmente. Neste sentido ao acompanhar os encantados, Padre Jesuíta Bartomeu Meliá, Irmão Marista Guilherme



Naue, Fernando La Salvia, Padre Secular Daniel Gargnin, Biólogo André Jacobus, também com seus colegas e discípulos, nas figuras dos professores, José Proenza Brochado, Arno Kern, Pedro Schmitz, Klaus Hilbert, José Catafesto de Souza, Sílvia Copé e outros, que nos proporcionaram uma educação liberadora onde a prática da liberdade encontra a andragogia (Freire, 1987, indica pedagogia) reflexiva e alicerçada na nossa história de vida.

A título de reflexão vamos trazer a bipolaridade descrita por Freire (1987) entre opressor e oprimido. Aqui os encantados, colegas e seguidores, bem como em tempos passados os jovens arqueólogos em formação, são marcados por essa polaridade. O opressor nos aparece como as teorias desenvolvidas e sua persistência no uso principalmente pelos professores pesquisadores e a resistência dos oprimidos, os jovens em formação, numa possibilidade de criar uma educação libertadora. Mas cabe pressupor que há por parte dos professores pesquisadores uma intenção libertadora de formação dos jovens em formação. Este é um caminho que se deve pensar. O processo de formação dos arqueólogos na região metropolitana de Porto Alegre (RS, Brasil) foi desenvolvida entre alguns pesquisadores, que formavam grupos de estudantes de diversas áreas, mas em sua maioria que estavam em formação acadêmica em cursos de Ciências Humanas e outras, na Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS) e na Faculdade Porto Alegre (FAPA).

A opressão não está evidenciada em um grupo opressor específico, pois entre os jovens em formação, há como oprimido vínculo as formas de opressão (como nos indica Freire, 1987, como se em cada oprimido há um pouco de opressor), mas a força dessa opressão estavam nas teorias marcadamente formadas fora e trazidas para cá, no entanto, os próprios professores pesquisadores alteravam suas categorias e características, já resistindo de alguma forma a essas formas de opressão (Gnecco, 2009, p. 16), onde percebe-se que na modernidade e seu projeto de “negação” e “silenciamento” e na “transformação de outros conhecimentos e visões do mundo”, principalmente das arqueologias latino-americanas, em coisas sem valor, mas cujo valor estava na ênfase dos modelos europeus de explicitação (explicação) do que era o mundo. Nos envolvemos nessa reação a opressão.

Os espaços de formação principais, onde este processo se desenvolveu, foram no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da PUCRS (CEPA-PUCRS), no Gabinete de Arqueologia da UFRGS (criado por José Proenza Brochado e Pedro Ignácio Schmitz, em 1967), no Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP) da Universidade do Vale dos Sinos



(UNISINOS), no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul em Taquara RS (MARSUL) e no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul (MARS), em Porto Alegre, entre os anos de 1987 e 2005 (este ano final pode ser ampliado até 2008). Cabe ressaltar que os primeiros anos entre 1980-1990, foram os mais marcantes para todos nós.

A cultura desenvolvida de ensino-aprendizado, em forma generosa, onde o propósito dos educadores encantados e seus colegas se desenvolviam com possibilidades educacionais num contínuo retomar reflexivo, de seus próprios caminhos de formação, que foram como os nossos, livres, por serem baseados nas práticas mais que nas imposições teóricas. A teoria era pensada e repensada, por eles, e por nós, e digamos por nós de forma diferente, ou mesmo libertadora, pois carregávamos essas de novas propostas que eram gestadas em várias partes do mundo. O pensamento formado destes professores era instigado pelas leituras de muitas novidades criadas na América e na Europa. É importante indicar que quase nada vinha da África, Oceania e Ásia.

A liberação reflexiva de criação e recriação (Freire, 1987) dos meios de aprender arqueologia formaram caminhos com os encantados, no aprender fazendo que possibilitavam ideias libertadoras sobre a arqueologia, na nossa formação como arqueólogos/as. Caminhos baseados em métodos de ação, em campo e laboratório, mesmo que pensados pelos autores nas formas mais arcaicas, do pensamento científico arqueológico, foram sempre conduzidas nas práticas de liberdades que experienciávamos na interlocução entre nós mesmos e com textos novos em estudo. Essas práticas de liberdade se expressaram em grupos de estudos que envolveram diversos estudantes do CEPA-PUCRS, da UFRGS, do IAP-UNISINOS e da FAPA¹.

A interação dos encantados e seus colegas, conosco, jovens em formação na época, calcadas na liberdade de apreender e de discutir os caminhos da investigação, suscitaram essa formação onde a opressão, de teorias mais conservadoras, eram confrontadas por propostas teóricas mais inovadoras, oriundas ainda de outros países, mas que exercitavam uma ação liberadora de ambos os grupos, dos jovens - de certa forma oprimidos e dos encantados e seus colegas - de certa forma opressores. É possível nessa dialética entender que a “verdade do opressor”, que era o arqueólogo, reside na

1 - CEPA-PUCRS- Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; IAP-UNISINOS – Instituto Anchieta de Pesquisas da Universidade do Vale dos Sinos; FAPA – Faculdades Porto Alegre.



consciência do oprimido (Freire, 1987, p. 06) que éramos nós. Essa dialética permite que com o tempo construamos uma arqueologia propriamente nossa, uma arqueologia mais libertadora. É certo que nem todos seguiram essa libertação freiriana, mas muitos o fizeram.

A forma de apreender a ser arqueólogo/a, entendemos como relacionado ao método Paulo Freire (1987), que não é repetitivo para desenvolver as qualidades da formação, dos pesquisadores em arqueologia neste caso. Os encantados e seus colegas atuam na nossa formação, sem seguir exigências lógicas do discurso abstrato, possibilitam uma formação livre e caracterizada pelo aprender fazendo.

Freire (1987, p. 22) nos diz que é indispensável que os oprimidos, na luta pela libertação, tenham consciência que a realidade concreta de opressão não é uma espécie de mundo fechado, com medo da liberdade de onde não consegue sair, mas é uma situação de limitação que o oprimido pode transformar, e que para isso ocorra é necessário reconhecer os limites da realidade opressora, que é o “o motor de sua ação libertadora”. Neste sentido o professor pesquisador encantado (ou seu colega) há que prever esse processo e permitir ou intencionar a possibilidade de luta contra a opressão. Um contraditório que marca as falas destes encantados e seus colegas em frases como: “estamos construindo um andaime, onde vocês (nós jovens em formação) irão construir um edifício”, “vocês (nós) querem acabar com a arqueologia”, “para que criar coisas novas, pois as Tradições já explicam” e outras falas como estas.

Os professores pesquisadores encantados que descrevemos aqui foram alguns dos que percebemos, fomentaram essa ação libertadora e condutora de novas modelações, que criaram ações transformadoras nos arqueólogos em formação. Faremos essa abordagem compreendendo estes encantados e suas ações para empreender a luta contra a opressão teórica, numa arqueologia de certa forma renovadora, que se forma e possibilita que, muitos daqueles/as jovens pesquisadores/as em formação, atuem hoje nos mais diversos centros de formação de arqueólogos no país.

Os encantados em interação na nossa formação.

Os encantados marcaram momentos importantes da formação de jovens arqueólogos/as, que hoje já são professores/as em muitos centros de excelência em arqueologia, marcadamente na formação de uma “arqueologia encantada” no sul do país. Escreveremos como entes separados, mas atuavam juntos em nossa formação.

O padre jesuíta Bartomeu Meliá é uma pessoa (hoje encantado) com quem aprendemos muitas questões sobre a arqueologia (como antropologia) dos indígenas,



principalmente dos Guarani, o qual conhecemos no IAP-UNISINOS e depois em inúmeros encontros que tratavam de arqueologia, de missões jesuíticas e de comunidades indígenas. Nessas memórias arqueológicas encantadas, o professor pesquisador Irmão Marista Guilherme Naue, que conhecemos no CEPA-PUCRS, que nos era muito próximo, nos oportuniza realizar muitos debates em laboratório como em campo em inúmeros lugares do RS.

O professor Fernando La Salvia, que nos iniciou na arqueologia em meio empresarial, focando seus conhecimentos na prática de laboratório e na prática de campo, muito mais que nas escritas constantes, mas mesmo sem escrever muito nos apresenta o que interpreta dos sítios em todo Estado do RS.

O padre secular Daniel Gargnin, paleontólogo, convive em campo, nas incursões aos sítios recheados de arte rupestre, em cuja permanência, em campo e nos sítios, vislumbrava uma profundidade de interação, que era oriunda de suas relações com os camponeses, que conheciam as regiões por onde atuava como padre, conselheiro e pesquisador da “fauna gigantesca” de um passado muito remoto e dos indígenas ocupantes dos mesmos espaços, que mais recentemente é ocupado por estes campesinos.

O arqueólogo encantado André Jacobus foi um companheiro de inúmeros encontros, conflitos com os órgãos públicos na busca e preservação do patrimônio arqueológico gaúcho, principalmente no Museu Arqueológico do RS, em Taquara, mas também em inúmeros trabalhos de campo. Este era um visionário na questão da presença dos ossos nos espaços de ocupação do passado e nos ensinou a apreciar esses vestígios que por anos foram negligenciados nos estudos brasileiros e hoje são fundamentais.

Apresentar esse pequeno relato de suas interações conosco, nos permite expressar quem são estes encantados, professores, pesquisadores e seus valores para a história da arqueologia no sul do Brasil.

A Companhia de Jesus no Paraguai informa que Bartomeu Melià Lliteres falece, Wagner Fernandes de Azevedo (2019 [2021]) escreve em dezembro do ano de seu encantamento, tendo nascido em 1932, no município de Porreres, situado na ilha mediterrânea de Mallorca, pertencente à Espanha, carregara a língua materna é mallorquín. O encantado Meliá resume essa língua como um dialeto catalão arcaico, mas é em realidade um dos maiores linguistas e antropólogos do Guarani.

Meliá assume missão evangelizadora no Paraguai, Azevedo (2019[2021]) indica que foi em 1954, já com cinco anos atuando na Companhia de Jesus. Na América Latina



estuda os Guarani, como indígena e sua língua, torna-se professor de guarani aos missionários. Conclui seu sacerdócio na França e em 1969, para a Tese de doutorado na Universidade de Estrasburgo, realiza imersão na realidade dos Guarani. A sua pesquisa historiográfica concilia a antropologia à história, expressa que os povoados missioneiros, na região desde o século XVI, eram os Guarani antes de serem jesuítas.

Melià reconhece a cosmovisão e a espiritualidade Guarani e recheou suas escritas produzidas na percepção encontrada nas fontes documentais. A imersão de Melià nas aldeias Guarani, como filólogo e antropólogo, torna-se experiência recíproca de amizade e luta. Essa imersão do ser Guarani é um dos pontos de promoção, do processo reflexivo, que nos traz como arqueólogos em formação. Já diz Melià - “não há como aprender como se fala se não se aprender como se vive”. O pesquisador em arqueologia foca no como se vive, e percebemos então, que tínhamos que compreender as línguas dos nossos investigados, tínhamos que ser mais antropólogos que nossos professores.

Professor de etnologia e cultura Guarani na Universidade Católica de Assunção, Melià segundo Azevedo (2019 [2021]), estabelece a relação de reciprocidade com as diferentes parcialidades Guarani, M'Bya, Avá e Paĩ-Tavyterã. Ali percebemos, que as ditas Tradições e Fases, teriam um problema para serem firmadas para estes grupos, pois se falam dialetos (parcialidades) diferentes, podem e devem possuir culturas diferentes e são contemporâneos e não de tempos diferentes. Esse aprendizado colocava já em contraste o que vínhamos aprendendo com os outros professores.

Melià, por sua interação com os Guarani, foi expulso do Paraguai ditatorial e permanece um tempo em Roma, depois veio ao Brasil, lecionar na USP (Universidade Estadual de São Paulo), em 1977. No exílio passa pela Unicamp e coordena a Missão Anchieta, em Mato Grosso, com os Kayabi e Nambiquara. Em Miraguaí, no RS, se aproxima dos Kaingang e depois leciona na UNISINOS em São Leopoldo, RS. Em 1989, retorna ao Paraguai, sua moradia definitiva com o povo paraguaio e seus nativos Guarani e os Enawené-nawé. A luta pelos territórios indígenas é sua marca, pois reconhece que a terra está ligada a existência desses povos, para se ter vida há que se ter a forma de viver, esta depende do território da vida. Recebe o prêmio Bartolomé de las Casas pela defesa dos povos indígenas; em 2012 condecorado na Câmara dos Deputados do Paraguai com a Orden Nacional del Mérito Comuneros, pela defesa Guarani, em 2018 recebe Doutor Honoris Causa da Pontifícia Universidade Comillas, de Madri. Nos ensina Melià: “A história de um Guarani é a história de suas palavras” (Azevedo, 2019 [2021]). A forma de lidar com os entes Guarani, nos mostra o quão desumanos atuávamos com os objetos ligados a eles,



pois olhávamos como Tradições Tecnológicas de forma instrumental, mas naqueles objetos estavam as expressões daqueles entes que lutavam ainda por suas terras e vidas, suas formas de viver.

O título deste artigo é uma evocação ao pensamento de Bartomeu Meliá, pois este acredita que o caminhar é provavelmente um hábito que faz parte da vida espiritual dos Guarani. Nos dizem muitas coisas tais como: “Se caminha também espiritualmente, nos longos rituais”; entre os “Pãi ou Kaiwá”, indica que o “*borahéipuku*”, que é o “canto longo” é colocada como “uma marcha durante 13 ou mais céus para assim entrar na casa do Nosso Avô no fim” e cujas “longas estrofes, no estilo de salmos, eles as comparavam, quando me traduziam seu sentido, às marcas dos quilômetros de uma rodovia” (Azevedo, 2019 [2021]). E se nos pensarmos em interação com esses povos e seus cantos, nós pensamos em caminhos entre encantados, entre sistemas de pensamentos que nos libertam da opressão.

Meliá nos apresenta seus inúmeros libertadores e destacamos alguns, fortemente vinculados ao pensamento libertário de Paulo Freire: *Educación indígena y alfabetización; História de la provincia del Paraguay de la compañía de Jesús. Lengua y cultura guaraní.* (2005); *El don, la venganza y otras formas de economía guaraní* (2004); *El Paraguay inventado.* (1997); *Gua'irataypy - Fragmentos del folklore guaireño.* (1998); *El guaraní a su alcance.* (1995); *Guaraniés y jesuitas en tiempo de las misiones.* (1995); *El guaraní conquistado y reducido.* (1993); *Ka'akupeñe'é renda; ñandepaî-tavyterañandeparaguaipe.* (1973); *Ywyrãñeéry, fluye del árbol la palabra: sugerencias para el estudio de la cultura guaraní.* (1971); *Guaraniés y jesuitas: ruinas de una civilización distinta.* (1969). Essas são algumas obras escritas, mas as interações entre jovens pesquisadores/as e o encantado Meliá é que frutifica no exercício da luta, pelo território como dom, para todos poderem manter suas formas de vida, pois os lugares de viver fazem a vida destes entes no passado e no presente. A arqueologia toma forma de antropologia e como forma de luta, isso é fortemente libertador.

Meliá é um Guarani, que assumira sua guaranização ainda jovem e como tal se encantou. E como Guarani, onde as palavras, como ele mesmo ensina, são divinas, esse domínio da língua e de sua constituição são uma forma de entender do mundo dos indígenas, que marcam a formação libertadora (Freire, 1987). Nós experimentamos essa forma de pensar e existir no contato pessoal com esse encantado. Não há como pensar os sítios arqueológicos, depois de viver com Meliá, até por alguns instantes, sem perceber que é parte do estar no mundo dos indígenas, no passado e na atualidade. É evidente que



na convivência com os próprios indígenas isso se expressa, mas como entendemos Meliá como Guarani, essa premissa se faz reapresentar.

Meliá nos faz perceber que a ação política dos oprimidos tem que ser uma "ação cultural" para a liberdade, ou seja, uma ação com eles (Freire, 1987, p. 34). A situação concreta de dominação, que é uma "visão inautêntica do mundo" (Freire, 1987, p. 34), preserva "a cultura do conhecimento" e não há conhecimento quando os educandos são obrigados a memorizar e não a conhecer "o conteúdo narrado pelo educador". Não há conhecimento quando o objeto "que deveria ser posto como incidência de seu ato cognoscente é posse do educador" e se evita a "reflexão crítica de ambos" (Freire, 1987, p. 45). Nesse sentido conviver com Meliá, além de ler Meliá, torna-se um ato de reflexão, nas palavras encantadas e sagradas na ótica Guarani, viram memória e conhecimento na fala de Meliá, assim sempre escutamos sua voz, mesmo hoje após seu encantamento. O encantado Meliá, torna-se símbolo, onde "à categoria do signo" de pesquisador envolvido diretamente com os indígenas, um exemplo de envolvimento, pois assume as lutas pelos territórios, nessas considerações os "signos" remetem "a um significado", nesse contexto "presente", que forma e conforma arqueólogos/as e suas responsabilidades (Durand, 1988, p. 12).

A cosmogonia que afetam Meliá também, por sua formação, surgem nos ensinamentos do padre Daniel Cargnin. Pesquisador encantado que viveu entre as cidades paleontológicas de Mata, Santa Maria, São Pedro do Sul, Candelária e Ivorá no centro do estado do RS. Daniel Cargnin traz para nossa vivência e conhecimento a presença dos "animais pedra" e "árvores pedra", como ele mesmo chamava e nos ensina a ver em campo. Com paleontólogo era impressionante, assim como arqueólogo. Nasceu com seu irmão gêmeo Abraão Cargnin, em Nova Palma (RS), em 1930. Ele se encantou em 2002 em Mata e seu irmão em 2004. Montou a acervo paleontológico do Museu Vicente Pallotti (Santa Maria-RS), e suas formações (dos irmãos) foram autodidatas. Criam os Museus de Paleontologia da UFRGS e da PUCRS, hoje o nome Daniel Cargnin é do Museu Municipal de Paleontologia de Mata, RS. Sua dedicação aos "animais pedra" deu nome a um dos animais antigos, que deram origem aos mamíferos, tal como o cinodonte (dentes de cão) mamaliano *Therioherpetoncargnini*. Atua nos anos 1960, em equipe que coleta milhares de achados nos afloramentos Triássicos gaúchos, encontrando um importante crânio de tecodonte em Candelária (Spiazzi e Lorenzi, 2014 [2021]).

Conviver com padre Daniel, como nos diz Freire (1989), é permitir o aprender pela textualidade das ações e dos lugares visitados, pois os "textos", as "palavras", as "letras"



daqueles contextos, em “cuja percepção rio experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber - se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais” (Freire, 1989, p. 9). O acompanhar o padre Daniel em campo incentiva a compreensão do ente em formação, do arqueólogo, pois este aprende no “trato” com as coisas as relações com os mais velhos, nas suas “palavras”, onde “se encarnavam” nas coisas e seres que estávamos em contato e a procura. O padre Daniel sabe que “no canto dos pássaros” e “na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos” (Freire, 1989, p. 10). Ele nos mostra a existência geográfica ocupada por humanos na região central do Estado. Esses “textos”, daqueles contextos, que nos apresenta “no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos” e na “relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto”, aprendemos sobre o tempo, o passado e o presente daquele lugar, que com ele visitamos (Freire, 1989, p. 9-10).

O padre Daniel, uma vez, nos conduziu por uma jornada durante dias, onde em cada parada que fazíamos, em pequenas propriedades da Região da 4ª Colônia (ligada a penetração de origem italiana na região), por onde dirigia seu “fuskinha”, pelas estradas de chão, de forma incansável, nestes dias visitamos inúmeros sítios até chegar a um abrigo sob rocha, em meio a uma mata recente, onde encontramos representações rupestres. No teto do abrigo uma enorme colmeia de vespas, Daniel alérgico se arrisca para conhecermos as manifestações textuais em palavras antigas daqueles antigos habitantes. Nos ensina a doação ao que chamam “patrimônio”, e ensina a dedicação ao conhecimento, sob o risco de sua própria vida.

As interações diretas desenvolvem as nossas capacidades de aprender, o ser arqueólogo, o padre Daniel disposto a ensinar, implicava na nossa habilidade de apreender, “a substantividade do objeto aprendido” (Freire, 1996, p. 36), esses “objetos” eram a arqueologia e eventualmente a paleontologia. O padre Daniel, numa dessas voltas entre sítios arqueológicos, os nossos interesses, parou seu “fusquinha”, a frente de um paredão de terra (terra para nós), um corte de uma colina feita para retilinear a estrada. Disse: “vejam aquele fragmento de osso no meio do paredão”. Olhamos e nada vimos, ele desce e sobe barranco, pega uma pedra de cor roseada, da cor do solo, nos explica: “essa terra não é terra é o *lamítico*, rocha formada a base de lama muito antiga, que foi prensada pelo próprio peso, fruto de derrame de lama a milhões de anos”. Na sua casa-laboratório mostra um osso petrificado, parte de um dedo de um animal e compara a rocha coletada,



diz: “eles são iguais”. Para nós eram completamente diferentes, mas ele com um pequeno martelo de geologia rompe parte da rocha e logo aparece a ponta do osso, como do outro já limpo. Percebemos a semelhança e reconhecemos como o olhar experiente encontra o objeto desejado. A partir disso passamos procurar os sítios arqueológicos, com olhos para isso, como diz: “não é em qualquer lugar que as coisas estão”.

A “memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo”, lembra Freire (1996, p. 36), não somos um aprendiz paciente à espera da “transferência do objeto ou do conteúdo”. Nos perguntamos com curiosidade: “Como?” Aprendemos a forma que é a curiosidade e o olhar atento a mesma. Padre Daniel nos instiga a pergunta crítica e constante no aprendizado, agimos como sujeitos críticos, “epistemologicamente” curiosos, construíamos no campo “o conhecimento do objeto” e participamos da construção das interpretações. Nos construíamos no aprender fazendo, no pensar de Freire (1996), vivendo a situação de investigação e coleta, não mais olhamos para um barranco de estrada como um simples barranco, mas como um espaço estratigráfico a ser compreendido, possível de armazenar milhões de anos de história de ocupação da terra.

A habilidade apreendida e “substantivada” do objeto e conhecimento trabalhado nos possibilitava “reconstruir” aprendizados, superando outros momentos em que éramos simples aprendizes pacientes a espera de uma “transferência do conhecimento feita pelo educador” (Freire, 1996, p. 36). Exercer a ação em conjunto com o educador, com padre Daniel, com Meliá, e os outros encantados, fortificava ou propiciava o aprendizado, o perceber e questionar nossas investigações em campo, isso nos transformava em pesquisadores de campo, uma ação crítica, reflexiva e autônoma, como nos diz Freire (1996).

O encantado professor pesquisador deixa transparecer aos educandos “uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” (Freire, 1996, p. 16). Nos pensamentos de Meliá, sobre quem eram esses entes do passado que olhávamos nos sítios arqueológicos e assim nos colocávamos como entes históricos. Os encantados, influentes professores, propunham o domínio do nosso próprio conhecimento do mundo, da antropologia, da paleontologia e da arqueologia. A historicidade da produção de nosso próprio conhecimento é algo novo, superando o conhecimento que já possuíamos e que eles nos apresentavam. Junto com eles fundamentamos o conhecer e o conhecimento existente que nos mostravam. Caminhando na região da 4ª Colônia com o padre Daniel



desenvolvíamos um saber aberto as descobertas, nos formando como “aptos à produção do conhecimento ainda não existente” (Freire, 1996, p. 16). Vivenciar, o ensinar - aprender – pesquisar, no “ciclo gnosiológico” da pesquisa paleontológica e arqueológica, na interação com os conhecimentos já existentes, trabalhamos “a produção do conhecimento ainda não existente”, em nossas mentes em formação. Vivenciamos a interação docente-discente na pesquisa “indicotomizáveis”, como “práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico” (Freire, 1996, p. 16).

A presença deste universo de formação permanente na mentalidade expressa por Meliá, na vivência instigante expressa no ato de fazer investigativo de Daniel, se aprofunda na interação com o Irmão Guilherme Naue, o Irmão Valeriano (codinome Marista).

Guilherme Naue é um dos criadores da arqueologia científica brasileira, autodidata como Daniel, precursor de investigações no sul do Rio Grande do Sul. Nasceu na localidade de São Rafael, município de Carazinho, RS, em 1920. Nos anos 1930 entra para o Juvenato Marista, em Santa Maria, e nos anos 1940 foi congregado como marista com o nome de Irmão Valeriano Braz (SCHMITZ, 2019). Assume como professor em Antônio Prado (RS) e nos anos 1940 vai para Joaçaba (SC), circula entre espaços de educação marista no RS, até chegar a Rio Grande, nos anos de 1970 (SCHMITZ, 2019), na vida educativa das escolas e colégios maristas utiliza seu tempo livre, como nos conta, para realizar suas investigações arqueológicas de campo.

No Rio Grande estuda os Cerritos, nos conta que muitos deles foram levantados utilizando uma bicicleta se deslocando pelo interior, às vezes com o uso de binóculos, quando não tinha autorização para entrar na propriedade, pois aqueles eram visíveis no terreno plano, das antigas pradarias, utilizadas basicamente para a produção de gado entre os anos de 1960 e 1980. Hoje é impossível fazê-lo, pela destruição dos cerritos, pela produção de soja e plantações de florestas de árvores exógenas, para a produção de madeira, criando os desertos verdes.

Na PUCRS (Porto Alegre), no colégio Champagnat, entre 1971 e 2004. cria em 1982, o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológica (CEPA-PUCRS), espaço de referência em arqueologia em todo o país, onde ainda hoje inúmeros pesquisadores são formados, nos foi lugar importante, para ler, para escrever, para estudar, investigar, conversar, aprender. Em 2004, por motivos de doenças foi para a Comunidade Marista da Casa São José, em Viamão e em maio de 2011 torna-se um encantado (SCHMITZ, 2019).

No Colégio São Francisco, em Rio Grande, com escoteiros (era chefe de escoteiros) e amigos, localiza inúmeros sítios arqueológicos no litoral meridional do Rio



Grande do Sul, para sua qualificação no estudo busca o apoio e ensinamentos junto Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), em São Leopoldo, tendo como colega e apoiador Pedro Ignácio Schmitz, Ítala Irene Basile Becker, Fernando La Sálvia, Pedro Augusto Mentz Ribeiro, Danilo Lazzarotto e Maria Helena Abrahão Schorr (SCHMITZ, 2019). Essa equipe realiza pesquisas arqueológicas em todo o RS, recebendo apoio econômico da antiga SPHAN (Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico), atuando em paralelo ao PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas).

A equipe de “arqueólogos pioneiros” organiza os *Simpósios de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências*, que reunia arqueólogos brasileiros, uruguaios e argentinos (SCHMITZ, 2019). Os simpósios se prolongaram, durante muitos anos, em reuniões anuais de professores de “Antropologia” das universidades do RS. Depois formam os *Simpósios Sul-rio-grandenses de Arqueologia*, com encontros regionais e anuais, se encontram na *Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB)* e nas reuniões da *Sociedade para o Progresso da Ciência (SBPC)*. Pesquisador e profundo conhecedor da arqueologia nos municípios de Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, São José do Norte, Camaquã, São Gabriel e São Sepé.

No CEPA-PUCRS junta este acervo, com urnas, artefatos líticos, e muitos outros artefatos do litoral, da encosta do planalto e de diversificadas pesquisas acadêmicas e empresariais. Atua em grandes projetos ligados à construção de barragens no Alto Uruguai, nos levantamentos e “salvamentos” arqueológicos das Usinas Hidrelétricas de Machadinho, Campos Novos, Garabi e outras (SCHMITZ, 2019). Realiza com colegas e estudantes como nós estudos sobre populações pré-coloniais e coloniais, em projetos nas reduções jesuíticas dos Guarani, que resultam em dissertações de mestrado e teses de doutorado. Ainda antes de seu encantamento realiza a assistência social aos indígenas Mbyá-Guarani, estacionados ao longo de rodovias e residentes em aldeias da Grande Porto Alegre, procurando proporcionar-lhes infraestrutura e recursos para atendimento odontológico. Publica inúmeros trabalhos (SCHMITZ, 2021) e destacamos alguns, sempre publicados em conjunto com outros colegas: “Arqueologia no Rio Grande do Sul” (1967); com outros “A cerâmica dos aterros de Rio Grande, RS” (1968); “Sítios arqueológicos no município de Rio Grande”. (1968); “Os Aterros dos campos do Sul: A Tradição Vieira”. (1991); “Novas perspectivas sobre a arqueologia de Rio Grande, RS” (1971); “Informe preliminar sobre investigaciones arqueológicas en el Departamento de Treinta y Tres, R.O. Uruguay” (1970); “Considerações sobre contatos euro-indígenas no sudeste da América do Sul. Um projeto de estudo de aculturação através das mudanças na cultura material”.



(1970); “Projeto arqueológico do litoral setentrional do Rio Grande do Sul: o sítio arqueológico de Itapeva, município de Torres” (1985); Com HILBERT, K.; MONTICELLI, G. “O Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA): 10 anos de pesquisas arqueológicas na PUC/RS”. (1995-96); e somente ele “Dados sobre o estudo dos cerritos na área meridional da Lagoa dos Patos, Rio Grande, RS” (1973). Fazemos estas apresentações pela importância de seus estudos na passagem de uma arqueologia amadora para uma arqueologia científica, sendo essa produção demonstrativa que suas reflexões como suas interações sempre marcaram sua vida na formação de jovens pesquisadores como nós.

Guilherme Naue é considerado, por um de seus grandes amigos ao que concordamos, como alguém “simples, simpático, organizado, religioso, às vezes retrancado e enigmático” (SCHMITZ, 2019). Possuía uma formação acadêmica formal em bacharelado e licenciatura de História e Geografia, pela mesma PUCRS, sempre ligado na atuação como educador à educação da juventude nos colégios da congregação marista.

A nossa formação junto com o responsável pelo CEPA-PUCRS foi sempre guiada pelo seu tempo de formação, pois ele era um dos mais antigos na atuação em arqueologia no laboratório. Instigados, pelo amplo acervo que Naue montara, nossa curiosidade “como inquietação indagadora” (Freire, 1996, p. 18) provocava constantes “palestras”, nos momentos dos lanches da tarde. O nosso envolvimento e a abertura de Naue, as nossas dúvidas, instigavam “ao desvelamento de algo como pergunta verbalizada ou não” (Freire, 1996, p. 18). A interação com o encantado se estruturava, como a procura de esclarecimento, como sinal de atenção, que sugere alerta, fazem parte integrante do fenômeno vital que era essa interação formativa. Não haveria criatividade sem a curiosidade, que nos move e que nos conduzia de forma impaciente diante do mundo, acrescentando ao que fazemos (Freire, 1996, p. 18).

O ensinar não é transferir conhecimento, é interação entre formando e formado (Freire, 1996). A nossa interação formativa aprofundava as considerações e reflexões se desdobra pelos saberes iniciais sobre arqueologia. Estes saberes que nos ensinavam criaram possibilidades para a nossa formação, fruto das relações constantes através de indagações, de uma curiosidade instigante, nossas perguntas, críticas e inquietantes interações ultrapassavam a simples tarefa de transferir conhecimento pelo arqueólogo de longa data que era o Irmão Naue suas manifestações cordiais eram de alguma forma providas de uma ética, talvez marista, de uma epistemologia que talvez fosse algo ultrapassada, mas cuja pedagogia é por nós testemunhada e vivida (Freire, 1996, p. 25).



O Irmão Naue replicava Freire (1989), talvez até sem saber que Freire teria dito, que na formação como arqueólogo/a tínhamos que dar importância ao “ato de ler”. Assim como Freire, o Irmão acreditava que ao ler estivéssemos “fazendo” a “arqueologia” de “minha compreensão do complexo ato de ler” (Freire, 1989, p. 12). As leituras eram incentivadas e formávamos grupos de estudos destes textos fornecidos pelo Irmão Naue e também de formas de atuação em campo, com usos de equipamentos de topografia, por exemplo, que fazíamos estudos empíricos no pátio a frente do CEPA. Para nós o ato de ler, segundo Naue, era a base para longa “experiência existencial” que buscávamos encontrar na nossa formação. Naue sempre nos dispôs a acessar os textos da pequena e rica biblioteca do CEPA-PUCRS. Revistas, livros antigos, recortes de jornal, que sempre usava Naue para ilustrar seus estudos, encontrávamos a coleção completa do PRONAPA, muitos textos e Meggers e Evans, produções do Museu de História Natural, autores antigos como Ceram e Pereira Jor, que instigavam nosso explorar da arqueologia. Naue nos presenteava com velhas publicações e separatas das revistas do IAP-UNISINOS, para que pudéssemos ter em casa, leituras sobre arqueologia. Essa nossa “infância na arqueologia” com tantas leituras nos conduzia para a mocidade, que podemos dizer “em traços gerais” nos alfabetizávamos na arqueologia (Freire, 1989, p. 12).

Realizamos trabalhos de campo, com o Irmão Naue, seu amigo José Brochado e outros colegas arqueólogos, de norte a sul – de leste a oeste do estado. Sempre sorridente, Naue escutava e refletia muito e no laboratório (CEPA) instruía, como poucos, os conhecimentos sobre a confecção de peças cerâmicas e líticos, dedicado muito a digamos “sua” envolvente “Tradição Vieira” (que são objetos que mais reunira no sul do Estado).

No CEPA-PUCRS tivemos a oportunidade de encontrar o encantado Fernando La Salvia. É estranho que pouco ou nada saibamos do mesmo, pois sempre era reservado, falava mais com sua esposa, que sempre o acompanhava, que conosco. Este senhor de poucas escritas tinha um entusiasmo pelo campo, que nos contagiava. Ele atuava na arqueologia desde os “finais dos anos 1960” na “Universidade de Caxias do Sul” (UCS), sendo o “responsável pela denominada Divisão de Pesquisas Arqueológicas” (LEPAR, 2021). Nos anos de 1970, no “Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Estadual de Educação” suas investigações se realizavam, em campo por todo o RS, mas fortemente no município de Casca, “o trabalho foi interrompido” e este então se dedica a formar um “laboratório”, “montado no futuro prédio do Museu de Antropologia da Secretaria de Educação” (dizem nunca construído). Esses estudos no Município de Casca trouxeram muitos dados ao pesquisador, sobre as formas de construção e formação dos sítios



conhecidos como “casas subterrâneas”, seus estudos pouco foram divulgados, mas aparecem em poucas publicações como “Novas perspectivas sobre a arqueologia de Rio Grande, RS” com outros no “O homem antigo na América..., 1971”; ou no texto “A habitação subterrânea: uma adaptação ecológica - A Arquitetura no Rio Grande do Sul”, 1983; nas “Pesquisas sobre a tradição Taquara no nordeste do Rio Grande do Sul” com outros autores na série do IAP-UNISINOS “Documentos, 1988”; no “Resumo das pesquisas arqueológicas no Planalto-Rio Grande do Sul” nos “Anais do II Congresso de Arqueologia da Área do Prata. Pesquisas, Antropologia. 1968.” Essa área, tão importante para os estudos de ocupação do Jê do Sul, teve suas estruturas destruídas pela “lavoura de soja”, “não restando mais vestígios da fantástica ‘cidade subterrânea’ de Casca” (Frank, 2011, [2021]). La Sálvia atuou com IPHAN na escavação do Forte Santa Tecla (bagé/RS), de forma ampla, em 1970, ainda pela UCS, junto com o poeta, arquiteto e engenheiro Francisco Riopardense de Macedo escavou o sítio histórico, Encontraram as fundações do Forte, e recolheram “pregos, pedaços de ferro, cerâmica e louça”, acharam também “dois poços”, “rodas de carretas maciças, uma culatra de canhão, pedaços de móveis”, parte desse material desaparece (Facebook – Fotos Antigas de Bagé, acesso em junho 2021) e parte está no acervo de museu em Bagé.

Em 1979, La Salva, assume a direção do Museu Antropológico do Rio Grande Do Sul (MARS) e organiza as primeiras coleções arqueológicas deste museu “encontrados em sítios pré-coloniais no planalto norte do Rio Grande do Sul” (MARS, 2021). Nesse ano La Salvia e Arno Kern inauguram as investigações científicas nas Missões. Foi pioneiro na investigação de um sítio arqueológico missioneiro, em convênio federal e estadual, escava as ruínas da “redução jesuítico-guarani de São Nicolau” (Moraes, 2012, p. 165), utilizando até uma retroescavadeira em campo.

A grande obra que publica é com seu amigo José BROCHADO, o livro que é referência nacional até hoje, “Cerâmica Guarani” (Porto Alegre, Posenato Arte e Cultura, 1989). Nesse contexto da interação com Brochado e Naue, no CEPA-PUCRS, que suscitou a produção da obra citada, nos vemos envolvidos com sua arqueologia, dedicada ao meio empresarial (arqueologia de contrato), principalmente nos EIA-RIMA (Estudos de Impacto Ambiental – Relatórios de Impacto Ambiental) de usinas hidroelétricas, no limite entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Essa atuação fomentava a contratação de jovens em formação, para as atividades de campo e laboratório. Assim fomos contratados. O CEPA-PUCRS, o MARS e o MARSUL (Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, com sede em Taquara) organizavam os estudos, La Sálvia, Brochado, Naue e outros pesquisadores



como Arno Kern, José Otávio C. de Souza, Maria Cristina dos Santos, atuavam em conjunto nesses estudos arrecadando grande quantidade de cultura material de sítios arqueológicos, principalmente pré-coloniais, aos acervos dessas instituições. Nesse sentido fomos convidados a integrar as equipes de campo e laboratório.

Os signos podem ser econômicos e diretos, mas podem ser alegóricos e emblemáticos, mas “os signos alegóricos sempre contêm um elemento concreto ou exemplar do significado” (Durand, 1988, p. 13). Os aprendizados talvez singelos com Naue se transformavam em contextos empresariais, de evidência de grandes espaços a serem estudados, muitos e muitos dados a serem interpretados, nossas equipes ampliadas por muitos pesquisadores criavam outros significados em nossas vidas. Compreendemos que esse pesquisador pouco ou nada publicava em forma de artigos em revistas científicas, no entanto, os vastos relatórios cheios de dados e interpretações ampliaram a pequena biblioteca do CEPA. Agora tínhamos novas fontes de estudo, agora já como jovens arqueólogos, pelo menos, achávamos que éramos, ampliávamos nossos estudos que chamam talvez ainda “acadêmicos” para significado da amplitude de estudos em meio empresarial. Não era uma coisa nova, mas os trabalhos assumidos por essa nova equipe eram gigantescos aos trabalhos com os quais havíamos nos envolvido anteriormente. Este mesmo que tenha publicado pouco, mesmo se comunicado pouco, suas ações são como signos num concreto e exemplar do significado, que é a imensidão dos estudos arqueológicos em meio empresarial.

A necessidade de aprofundar o conhecimento, trazia para o CEPA muitos outros pesquisadores, de outras áreas do conhecimento, que este pesquisador aproximava, e passamos a perceber a amplitude dos estudos possíveis, a serem realizados sobre os vestígios arqueológicos. Neste momento além do conhecimento sobre a cultura material de Naue, a visão antropológica de Meliá, interação com a comunidade de Carning, em nossa formação, agora se ampliava ao processo de execução capitalista da arqueologia. La Sálvia se encantou nos inícios dos anos 1990.

As ações de interação com novos estudos determinaram nossa ampliação de ações autoeducativas. Promovemos mais grupos de estudos, que montávamos entre nós jovens em formação, com o apoio destes vários professores, que nos forneciam os textos e acessos. Na época (anos 1980-1990) ainda não se difundia com facilidade a “WWW” (*World Wide Web* ou *Web*, sistema de documentos em hipermídia), como conhecemos hoje. Usávamos as bibliotecas e o processo de acesso ao sistema de permuta entre bibliotecas, recebendo fotocópias (popular “xerox”) de textos de instituições estrangeiras e



tínhamos no IAP-UNISINOS, um espaço importante para essas coleções de textos, que íamos montando, pois este tinha um sistema de recepção importante de textos do mundo todo sobre arqueologia. Os colegas mais aptos na língua estrangeira, francês e inglês, eram documentos comuns, faziam traduções ainda datilografadas, depois multiplicadas. Um novo espaço também se abria no Laboratório em formação na UFRGS, onde muitas vezes nos reunimos para estudar e discutir essa produção arqueológica nova, muito da “Nova Arqueologia”.

Na interação com o CEPA-PUCRS, UFRGS, MARS, MARSUL e IAP-UNISINOS, conhecemos André Jacobus. Este encantado chegou ao mundo em 1957, na cidade de Taquara, onde sempre viveu, lá ficava o MARSUL. Seu encantamento triste se deu, prematuramente em setembro de 2016. Um cientista biológico, graduado na UNISINOS (1983), torna-se Mestre em História pela PUCRS, em 1996, junto com uma boa parte de nós, em 1997 iniciou o doutorado no MAE da USP o qual não pode concluir em consequência dos fatos que relatamos adiante. A tese em elaboração “Caçadores-coletores na Mata Atlântica: um estudo de caso na região hidrográfica da Bacia do Lago Guaíba e Planície Litorânea adjacente (RS)” era o assunto de sua vida e sobre o qual mais produziu a “Zooarqueologia de grupos caçadores-coletores” (IAP-UNISINOS, 2021).

André, ou como chamamos ou Jacobus, trabalha por anos em projetos arqueológicos do IAP-UNISINOS e funda “Gabinete de Zooarqueologia”, sendo “um dos mais ativos pesquisadores neste ramo da Arqueologia e um de seus pioneiros no Brasil” (IAP-UNISINOS, 2021). Jacobus, vive 32 anos no MARSUL, em Taquara, como funcionário do Estado do RS, no cargo de Técnico em Assuntos Culturais, sendo curador do acervo e “chegou a ser diretor por curtos períodos, de 1991 a 1994 e de 1998 a 1999” e a partir de 1994 passa a desenvolver “o Projeto PASAP (Projeto Arqueológico Santo Antônio da Patrulha)”, projeto esse que nos reuniu e nos possibilitou a produção de muitos textos de artigos, de dissertações e de teses; muito mais na formação de pesquisadores de campo e laboratório, na UFRGS, PUCRS, IAP-UNISINOS e FACCAT-MARSUL (FACCAT – Faculdades Integradas Taquara em convênio com MARSUL).

Os “signos arbitrários, puramente indicativos que remetem a uma realidade significada, senão presente pelo menos sempre representável, e os signos alegóricos, que remetem a uma realidade significada dificilmente apresentável” e são “obrigados a figurar concretamente uma parte da realidade que significam.” (Durand, 1988, p. 13). Jacobus é signo alegórico carregado de significados. Os campos constantes e os estudos em laboratório constituíram um elo de amizade com esse intrépido pesquisador e ativista pela



defesa do MARSUL, nos instigava na defesa do patrimônio arqueológico, como nenhum antes dele. Sua obstinada defesa do patrimônio, levou ao encantamento prematuro. Pesquisador “sério, defensor do patrimônio cultural e grande divulgador do mesmo”, “assíduo frequentador de congressos e reuniões de Arqueologia”, publica bastante nas Revistas do CEPA (da UNISC, Santa Cruz do Sul/RS) e em Anais dos encontros regionais”, Jacobus “era bom companheiro” e sua “prematura partida deixa uma grande lacuna” (Schmitz, IAP-UNISINOS, 2021).

Jacobus nos leva para campo, nos leva para laboratório, nos leva como colegas, pois nos formávamos juntos, éramos como companheiros no caminho da formação, nosso parceiro de todos as horas, nos alojava no MARSUL, entre seus inúmeros gatos, que criava com o mesmo carinho que dedicava aos animais mortos, suas ossadas. Jacobus não gosta dos peixes, lê e escreve sobre eles, mas não os admira. Gosta dos ossos das aves, dos pequenos mamíferos, dos tatus e lagartos. Nos ensinam inúmeras vezes como ler os ossos, “se não é de porco é de veado e se não é de veado é de porco”, repetia muitas vezes, sobre ossos similares. O PASAP ajudou a formar e qualificar para campo e laboratório, já como primeiros estudos sem os nossos professores, já como arqueólogos, Jacobus nos proporciona, muitos e muitos campos em Santo Antônio da Patrulha. Teses importantes saíram da associação ao PASAP.

No dia 28 de agosto de 2008, André teve sua casa invadida e foi espancado até criar um profundo afundamento craniano, esse ataque ocorre depois de inúmeras denúncias feitas contra a Governadora do Estado Yeda Crusius (do PSDB), como destruidora do patrimônio arqueológico gaúcho. Jacobus por anos tenta sua proteção, as vezes as próprias custas, para manter o MARSUL. O que sabemos é que a governadora foi indicada como mandante da morte do ex-chefe da representação do governo gaúcho em Brasília, Marcelo Cavalcante, que foi encontrado morto no Lago Paranoá, na capital federal, o mesmo fora demitido do governo por ela, em meio à crise política decorrente da divulgação de escutas telefônicas feitas pela Polícia Federal, que deflagraram a Operação Rodin, mostrando desvio de R\$ 44 milhões no cofre do Departamento Estadual de Trânsito (Detran) do estado [site Congresso em Foco, 17 fev. de 2009]. Se esse ente foi morto em Brasília, estranhamente também a casa de Jacobus foi invadida e ele e sua mãe espancados, ele quase até a morte, estranhas convergências de situações.

As agressões, que sofreu, o levaram ao adoecimento, muito prematuro “aposentou-se”, em 2009, mas com alguma recuperação, fruto de um apoio constante da agora madura pesquisadora, nossa colega de formação Adriana Dias (já profa. da



UFRGS). Foi se recuperando e consegue “colaborar, como voluntário” no IAP, presta “alguma assessoria em arqueologia de contrato” e na UFRGS e no MARSUL no aprofundamento dos dados do PASAP. Em Taquara, Jacobus, torna-se na “imaginação simbólica” um mito, “quando o significado não é *mais absolutamente apresentável* e o signo só pode referir-se a um sentido, não a um objeto sensível” (Durand, 1988, p. 13). Em formação entre nós, como nosso colega de formação, André Jacobus torna-se imagem simbólica de que queremos ser, como mito a ser seguido. Mito para nós seus colegas de mestrado e doutorado. Ao encantar, já mito de uma arqueologia que se fez fazendo, na “boniteza” diz Freire (1996). E sempre agem como professores, na nossa formação leiga como arqueólogos, ou mesmo institucionalizada, nos mestrados e doutorados, mas sensíveis “à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se”, no respeito aos colegas e educandos no ensinar que “exige alegria e esperança” (Freire, 1996, p. 37). Observar que estes encantados foram nos transformando em arqueólogos, e para tanto na relação com eles e no aprender fazendo, fomos nos libertando das amarras anteriores, de teorias externas e de ideias antigas, nos leva a reconhecer o poder do símbolo e do mito.

Os encantados nos transformam em arqueólogos no aprender fazendo como as ideias libertadoras de Paulo Freire

O encantado que promove a escrita desse texto é Paulo Freire, de sua vida e obra, esse espelha a vida e obra de nossos entes mais próximos. Os encantados tornam-se símbolos “como qualquer signo concreto que evoca, através de uma relação natural, algo ausente ou impossível de ser percebido” e que são as melhores figuras possíveis “de uma coisa relativamente desconhecida que não se saberia logo designar de modo mais claro ou característico” (Durand, 1988, p. 14), como são todos símbolos e suas narrativas como mitologias. Meliá, Cargnin, Naue, La Sálvia, são professores, constituidores do nosso ser arqueólogo/a. A escrita nos fez perceber o quão significativos são esses encantados.

O encantado Jacobus, ao final, que simbolicamente une todos os encantados arrolados acima e lembram seus colegas, seus seguidores e nós arqueólogos naquela formação (hoje formados), persistentes aqui nesse universo sensível, nos levam a crer no encantado Paulo Freire, por sua forma de pensar. Paulo Freire, mesmo sem ter sido lido ou professado por estes encantados, marca suas trajetórias conosco, e como encantados não mais desligadas, pois são agora símbolos de nosso próprio ser arqueológico. De certa forma seguimos os passos procedendo na nossa formação, no aprender fazendo na



constituição como arqueólogos, em um momento em que não haviam cursos superiores para formação de arqueólogos.

Na busca pela autonomia que é negada, sempre negada pelos seguidores das pseudociências, do conservadorismo, do fascismo, das ações antidemocráticas, como aquele ente, indicado no início desse texto. Esses algozes corruptores, contrários a uma sociedade para liberdade, não conseguem encobrir a forma sempre “ética e de respeito profissional” (Freire, 1996, p. 74), que nós encontramos na nossa formação. Essa forma que de alguma maneira carregam esses nossos encantados na “condição de gente de que se alonga”, com a “abertura humana” e com sua andragogia, forjada pela ação e vontade, sem a profundidades das ciências pedagógicas, mas que compartilhem sua “prática educativa” sempre, “como prática de gente”, de “gente inacabada, de gente curiosa, inteligente, de gente que pode saber, que pode por isso ignorar”, de gente “ética” cuja “prática educativa”, “com um quefazer de anjos” (Freire, 1996, p. 74). Sempre nos instigando, sempre nos inquirindo, sempre nos alertando, pois sempre tiveram a certeza de que “vale a pena lutar contra os descaminhos que nos obstaculizam de ser mais” (Freire, 1996, p. 74). E queríamos ser os arqueólogos que nos tornamos.

A “compreensão da História como possibilidade e não como determinismo”, com toda sua “subjetividade” nos deu nessa interação entre estes encantados seus seguidores e nós mesmos desenvolver “a capacidade de comparar, de analisar, de avaliar, de decidir, de romper e por isso tudo, a importância da ética e da política” (Freire, 1996, p. 74) na arqueologia. Somos o que fomos encantados para ser, comprometidos com a ética, com a política e com a história engajada, na busca em proteger os vestígios históricos de todos nós.

REFERÊNCIAS

AHLERT, Martina & LIMA, Conceição de Maria Teixeira. “A família de Légua está toda na eira”: tramas entre pessoas e encantados, **Etnográfica** [Online], vol. 23 (2) | 2019, Online desde 25 junho 2019, consultado em 26 junho 2019. URL : <http://journals.openedition.org/etnografica/6858> ; DOI : 10.4000/etnografica.6858

AZEVEDO, Wagner Fernandes de. **BartomeuMelià**: jesuíta e antropólogo evangelizado pelos guarani (1932-2019), Instituto HumanitasUnisinos – IHU, 08 Dezembro 2019, disponível em www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594740-bartomeu-melia-jesuista-e-antropologo-evangelizado-pelos-guarani-1932-2019 acesso em jun. de 2021



BROCHADO, José P; LA SALVIA, Fernando. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre, Posenato Arte e Cultura, 1989.

CARNEIRO, J. L. Teologia umbandista: Sua diversidade. **Estudos Afro-Brasileiros**, v. 1, n. 2, p. 213-246, 17 out. 2020.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, Ed.USP, 1988.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. [Trad. René Eve Levié], 3ª Ed., Rio de Janeiro: Difel, 2004

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano** [Trad. Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRANK, Heinrich (Resp) **Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas**. Número 17 – Julho de 2011 disponível em www.ufrgs.br/paleotocas acesso em jun. de 2021.

FREIRE, Paulo, **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4), São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., (O Mundo, Hoje, v. 10), Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, (Coleção Leitura), 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 23reimpress., 17ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudo Avançados**. 15 (42), (pp. 259-268), 2001.

GNECCO, Cristóbal. Caminos de la Arqueología: de la violencia epistémica a la relacionalidad. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, 4(1), pp.15-26, 2009

HENTGES, Angelita. **É preciso uma aldeia para educar uma criança**. A educação circular no imaginário das rodas de Capoeira Angola. Curitiba, CRV, 2020.

IAP-UNISINOS, **André Jacobus**. Disponível em www.anchietano.unisinos.br/equipe/andrejacobus/andrejacobus.html acesso em jun de 2021.



LEPAR. **Laboratório de Ensino e Pesquisas Arqueológicas** - LEPAR; Disponível em <https://www.ucs.br/site/instituto-memoria-historica-e-cultural/laboratorio-de-ensino-e-pesquisas-arqueologicas-lepar/programa-lepar/> acesso em jun de 2021

MAFFESOLI, Michel. Le senscommun. In: **Société**. Revue des Sciences Humaines et Sociales – Paris, N° 46, pp. 387-397, 1994.

MARS, Disponível em <https://cultura.rs.gov.br/historia> acesso em jun. de 2021.

MOREIRA, Ildeu de Castro. A ciência, a ditadura e os físicos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 66, n. 4, p. 48-53, Dec. 2014.

MORAES, Tobias Vilhena de “Breve análise sobre a arqueologia missioneira e as ações de extroversão (1980-1995)”. **Revista Tempos Acadêmicos**, Dossiê Arqueologia Histórica, nº 10, Criciúma, Santa Catarina, (pp. 164-171), 2012

SCHMITZ, Pedro Ignácio, **Irmão Guilherme Nauê**. IAP-UNISINOS - Disponível em www.anchietano.unisinos.br/equipe/naue/naue.html acesso em dez. 2019.

SPIAZZI, Daiane & LORENZI Rodrigo. Paleontologia: descobertas através da pesquisa. 25 de fevereiro de 2014, **Central Sul**. Agência de Notícias, disponível em www.centraisul.org/2014/paleontologia-descobertas-atraves-da-pesquisa/ acesso em jun. de 2021

TOLEDO, Caio Navarro. Zeferino Vaz: um Reitor de direita que protegia as esquerdas?. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 2, p. 116-132, dez. 2015.



Apêndice

Imagem do encantado



Bartomeu Meliá

Fonte

https://www.encyclopedia.cat/sites/default/files/media/FOTO2/Bartomeu_Melia.jpg



Padre Daniel Carginin

<http://santamaria-rs-brasil.blogspot.com/2009/08/paleontologia-itinerante.html> acesso em dez 2019



Cláudio Carle e Irmão Naue -1992

Fragmento de imagem de arquivo de Gislene Monticelli (disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=436784999695935&set=t.100000677283755&type=3&theater>)



Fernando La Salvia

Fragmento de imagem publicada no site
<https://institutoanchietanodepesquisas.blogspot.com/2019/08/>

André Jacobus



<https://www.radiotaquara.com.br/novo/arqueologo-taquarense-e-achado-ferido-dentro-de-casa/>